

# MULHER NO CANTEIRO DE OBRAS: DIFICULDADES E PRECONCEITOS

## WOMAN IN CONSTRUCTION SITES: DIFFICULTIES AND PREJUDGEMENT

Laura Vitória Bochini da Silva 1  
Márcia Regina de Freitas 2  
Márcia Letícia Loureiro Salomão Baldim 3  
Edna Maria Querido de Oliveira Chamon 4  
Gladis Camarini 5

**Resumo:** A desigualdade de gênero na Engenharia Civil e no canteiro de obras existe e isso precisa ser relatado. Neste sentido, realizou-se uma pesquisa qualitativa com homens e mulheres que trabalham ou que já trabalharam em canteiro de obras, a fim de coletar dados e relatos que mostram essas relações mulher-homem no canteiro de obras e como essas mulheres vivenciam suas experiências a partir da construção social de gênero (masculino/feminino) imposta desde cedo. As habilidades e esforços das mulheres no trabalho desempenhado no canteiro de obras é sempre colocado em dúvida pelos homens, tendo que provar e se impor diariamente para serem respeitadas. Concluiu-se que a sociedade tem caminhado positivamente para a igualdade de gênero. A cultura do trabalho por meio da mentalidade das pessoas (prática social) que exercem alguma função no canteiro de obras, principalmente homens, ainda é muito restritiva em relação à presença feminina no cotidiano dos canteiros e ainda existe muita misoginia e assédio na Construção Civil.

**Palavras-chave:** Engenharia Civil. Construção Social. Papel da Mulher. Direitos da Mulher.

**Abstract:** Gender inequality in Civil Engineering and in construction site exists and this needs to be reported. In this sense, a qualitative research was carried out with men and women who work or who have already worked on a construction site, in order to collect data and reports that show these women-man relationships at the construction site and how these women experience their experiences at from the social construction of gender (male/female) imposed from an early times. The skills and efforts of women in the work performed on the construction site is always put in doubt by men, having to prove and impose themselves daily to be respected. It was concluded that the society has taken several positive steps on the path of gender equality. The culture of work through the mentality of people (social practice) who exercise some function on the construction site, especially men, is still very restricted in terms of relation to the female presence in the daily life of the construction sites and there is still a lot of misogyny and harassment in Civil Construction.

**Keywords:** Civil Engineering. Social Construction. Woman's Role. Woman's Right.

Engenheira Civil, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2448064000977069>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1040-9737>. E-mail: laurabochini@hotmail.com 1

Pós-Doutorado em Engenharia Civil Pela UNICAMP, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2343273642042806>. ORCID: E-mail: marcia.freitas@unesp.br 2

Mestranda em Gestão e Desenvolvimento Regional pelo Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS-MG. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5493901273452354>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2966-9133>. E-mail: marcialeticiabr@yahoo.com.br 3

Pós-Doutorado em Educação pela UNICAMP, Professora do Mestrado em Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté – UNITAU e Professora do Mestrado/Doutorado em Educação da Universidade Estácio de Sá – UNESA-RJ. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3548150538777632>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2835-6554>. E-mail: edna.chamon@gmail.com 4

Professora Titular pela UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas, Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS-MG. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8939257949743478>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4536-9699>. E-mail: gcamarini@gmail.com 5

## Introdução

A Engenharia Civil é uma das mais antigas engenharias da humanidade. Além disso, o setor da Construção Civil tem importância estratégica na economia do país, pois promove iniciativas que sustentam o desenvolvimento econômico e social do Brasil (TEIXEIRA; CARVALHO, 2005).

A presença da mulher na Engenharia Civil tem crescido ao longo dos anos e, justamente pela sociedade estar embasada em conceitos ainda patriarcais (machistas), faz-se necessário estudar esse assunto por sua relevância.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Programa de Disseminação dos Dados do Trabalho, e da Relação Anual das Informações sociais (Rais) do Ministério do Trabalho e Previdência Social indicavam um crescimento da participação feminina no setor da Construção Civil. Em 2006, 7,42% de mulheres integravam o setor; em 2016, 10,3% e em 2019 essa participação diminuiu 1%, ficando em 9,3% (IBGE, 2020).

Sendo assim, escolheu-se questionar, entender, analisar, refletir e, de alguma forma, pesquisar o relacionamento interpessoal da mulher na Engenharia Civil, especificamente em um dos ambientes de trabalho onde mais ocorrem casos de depreciação do sexo feminino: o canteiro de obras.

Quando se fala em desigualdade de gênero, esbarra-se nas divergências físicas existentes entre homens e mulheres. Por muitas vezes, isso restringe o trabalho da mulher, contribuindo para um ambiente majoritariamente masculino. Mesmo sendo possível observar uma evolução no que tange às diferenças entre os sexos dentro da sociedade, e como as oportunidades aparecem para cada um desses gêneros, esta é ainda uma situação que precisa ser avaliada e enfrentada no mercado de trabalho. As oportunidades para homens e mulheres ainda não são as mesmas, nem tampouco os salários, afetando a relação interpessoal, além de econômicas e sociais no mercado de trabalho.

Dessa forma, o objetivo desse estudo é o de entender como ocorre o relacionamento interpessoal da mulher em canteiros de obras, tendo como base o histórico do papel da mulher no mercado de trabalho e na sociedade, o contexto social e a desigualdade de gênero com enfoque na Engenharia Civil.

No que se refere à metodologia utilizada, optou-se pela pesquisa qualitativa. Foi desenvolvido um questionário com perguntas relacionadas ao tema, a fim de coletar dados de homens e mulheres e analisá-las de tal forma a contribuir para o entendimento de como acontece essa desigualdade de gênero na prática, estabelecendo uma relação com o aporte teórico. Logo em seguida, esses resultados foram discutidos e analisados no intuito de sensibilizar a sociedade sobre o tema, praticando a empatia e contribuindo para a desconstrução dos preconceitos existentes entre os gêneros.

## Características da mão de obra na Construção Civil

A Construção Civil foi uma contribuição muito importante para que a espécie humana deixasse de lado a vida nômade. Com o desenvolvimento da agricultura, fez-se necessário habitar em um lugar fixo e foi por meio da Construção Civil que isso foi realmente possível. Desde então, a Engenharia Civil nunca parou de ser aperfeiçoada, estando em constantes transformações em função do avanço da tecnologia (MOURA; SOARES JÚNIOR, 2013).

Obras como das famosas Pirâmides de Gizé e da cidade de Alexandria, a aplicação de conceitos físicos e matemáticos na Engenharia na Grécia Antiga e os primeiros castelos erguidos no período Medieval, comprovam como a Engenharia Civil foi importante para a história e para a humanidade (LEE; ZENOBIA, 2011). Na Era Moderna, a figura do Engenheiro Civil passou a ganhar importância, tornando-se uma profissão de prestígio. No século XX, a Engenharia Civil passou a se desenvolver e se especializar, acompanhando a globalização com os avanços científicos e fundamentações teóricas do comportamento dos materiais (LEE; ZENOBIA, 2011).

No Brasil, foi no período colonial que se desenvolveu com a construção de fortificações, igrejas, faróis, portos e fortes em pedra para a chegada de navegações. A cultura do café foi muito importante para esta época e para o desenvolvimento da Engenharia Civil, pois foi

grande impulsionadora do surgimento das primeiras ferrovias e, com elas, as grandes fazendas (MARINHO, 2015). Com a família Real em terras brasileiras no ano de 1808, a fundação da Real Academia Militar do Rio de Janeiro passou a formar engenheiros e cartógrafos (CAROLINO, 2012).

Analisando brevemente toda essa história, pode-se concluir que a Engenharia Civil possui ligação direta com o desenvolvimento da humanidade, seja no aspecto econômico, social ou político (DE LUCA et al, 2018).

Tão importante quanto refletir sobre essa história, é relacioná-la com a mão de obra que prevalece desde os primórdios da Engenharia Civil. No canteiro de obras é possível encontrar uma série de cargos em que o profissional da Engenharia Civil pode ocupar, dependendo da sua capacitação técnica e da sua formação. Desde o início, a Construção Civil abrigava uma mão de obra masculina por exigir esforço físico. Mesmo o cargo de Engenheiro Civil teve ocupação majoritariamente masculina, visto que a mulher até então não possuía qualquer direito que desse a ela a oportunidade de estudo e capacitação (TOMASI, 2005). Dessa forma, criou-se um ambiente completamente masculino e, em função da construção social desenvolvida ao longo do tempo, em uma sociedade machista, o homem preservou para si o campo profissional, gerando uma relação de poder verbalizada por eles (LOMBARDI, 2017). Ao longo do tempo, essas condições e relações de trabalho foram se transformando. A modernização da construção foi sendo instituída e a mão de obra não acompanhou, tornando-se não qualificada tecnicamente, passando a ser um problema, pois trabalho sem qualificação implica em retrabalho e gastos desnecessários (TOMASI, 2005).

O investimento em novas tecnologias para aumento da produtividade fez com que fossem necessários profissionais capacitados integralmente com esses novos métodos, e familiarizados tecnicamente com os equipamentos mais modernos utilizados em canteiros de obra. Apenas o conhecimento técnico passou a ser pouco valorizado e houve uma necessidade crescente do profissional que ocupa cargos de liderança dentro do canteiro de obras, desenvolver habilidades de resiliência e flexibilidade para lidar com a equipe de trabalho e encarar diversas situações, além do conhecimento tecnológico (CABRAL; BAZZO, 2008). Paralelamente a mulher estava conquistando os seus direitos e, em 1948, a Convenção Interamericana Sobre a Concessão dos Direitos Civis à Mulher outorga às mulheres os mesmos direitos civis dos homens, esta decretada no Brasil em 23 de outubro de 1952 (OLIVEIRA, 1990).

Os anos seguintes resultaram em diversas outras conquistas da mulher, que estavam diretamente relacionadas ao mercado de trabalho e a sua capacitação técnica para exercer as mais diversas profissões. Consequentemente, dentro da Engenharia Civil não seria diferente. A mulher também poderia se tornar apta ao trabalho exercido nesta área, já que a demanda pela mão de obra com outras habilidades estava se tornando muito mais relevante para o desenvolvimento das tecnologias do que a força bruta, predominantemente masculina em si (LOMBARDI, 2017).

## **Construção social, papel da mulher e desigualdade de gênero no Brasil**

Entende-se por construção social a elaboração, pela sociedade, de regras, significados, normas, valores e símbolos, segundo práticas individuais e coletivas que associam linguagem e relações sociais (BAKHTIN, 1986). Pela dependência comportamental existente para tais definições, a sociedade está redefinindo e renegociando essas questões o tempo todo. O dinheiro, a cidadania e as diferenças de gênero são construções sociais, já que elas só existem porque a sociedade definiu os papéis masculinos/femininos dessa forma. Reforçando a ideia de que o gênero é socialmente construído, o sociólogo Anthony Giddens (2005) afirma que as diferenças que surgem da socialização do gênero são produzidas culturalmente. Se há desigualdades entre homens e mulheres é porque “[...] homens e mulheres são socializados em papéis diferentes. Estudos mostram que, em certa medida, as identidades de gênero são resultado de influências sociais” (GIDDENS, 2005). As oportunidades diferentes que homens e mulheres possuem atualmente são resultados de uma sociedade estruturada com base em manifesta-

ções culturais.

O sistema em que os seres humanos estão inseridos, embora esteja em constante questionamento, ainda defende que o homem possui o poder primário e exerça funções de liderança, possua autoridade moral e seja privilegiado socialmente. Analisando a transformação que o gênero feminino já passou desde o início da existência da sociedade, enfatizando a consciência social e funções determinísticas da mulher, pode-se perceber que o papel da mulher brasileira percorre um caminho que esbarra, muitas vezes, em funções exóticas, ora degradantes e até desumanas. Elas já foram reduzidas a objetos de domínio e submissão, marginalizadas e até aniquiladas. A Igreja tentava conter o que a mulher significava, pois acreditavam que a sexualidade feminina era uma ameaça ao equilíbrio doméstico que definia o homem como superior (DEL PRIORE; BASSANEZI, 2004).

A mulher também foi vista como um sujeito menos desenvolvido e inferior ao homem, que não detinha os mesmos direitos. Já no século XIX, a sociedade burguesa passou a discutir sobre os gêneros e a entender as diferenças que o homem e a mulher tinham dentro da construção cultural e social. Desde então, os questionamentos e as discussões só aumentaram. Após um longo período de opressão e discriminação, pondo em dúvida a capacidade da mulher, o século XX começou com um movimento feminista cheio de voz (ADRIÃO; TONELI; MALUF, 2011). Ao longo do tempo, a luta pelos direitos das mulheres se tornou cada vez mais frequente e intensa.

Um forte exemplo desta luta pelos direitos das mulheres é o de Maria Quitéria, que foi se alistar com cabelos cortados e trajes masculinos, apesar da proibição do pai. Foi descoberta duas semanas depois, mas continuou no Regimento de Artilharia, mesmo sendo proibida pelo genitor. Ela foi homenageada pelo Imperador com a Imperial Ordem do Cruzeiro, no Grau de Cavaleiro (AZZE; PEREIRA, 2014).

Conforme se avança na história, pode-se perceber que movimentos que tinham como base, ideias que rompiam com padrões culturais ocidentais de revolução e liberação sexual, e ainda quebrando tabus feminino como o divórcio e a sexualidade, foram essenciais para o desenvolvimento do papel social da mulher até hoje. Um fator importante que contribuiu para que a mulher assumisse novas funções foi o desenvolvimento de tecnologias que implicou em menos trabalho braçal e mais trabalho intelectual e, dessa forma, as mulheres passaram a ter condições favoráveis para serem introduzidas no mercado de trabalho nas mais diversas áreas. Com o tempo, as mulheres começaram a estudar cada vez mais, se tornando aptas para assumir não apenas outras funções no mercado de trabalho, mas também funções de liderança, cargos em que antes predominavam a figura masculina (CRUZ, 2002).

Na Engenharia Civil, onde sempre teve um número maior de homens do que de mulheres, esta além de se interessar mais pela área, também pôde se capacitar para exercer outras profissões dentro do setor. A força bruta passou a ter uma relevância menor em comparação com o conhecimento técnico. A frequência feminina nas escolas passou a ser maior que a masculina e o grau de escolaridade também. Com maior grau de escolaridade, houve impacto nos âmbitos social, profissional e econômico. Assim sendo, a população economicamente ativa, no caso das mulheres, passou a crescer significativamente (SOARES; IZAKI, 2002).

As mudanças se tornaram constantes e, conseqüentemente, influenciaram em outros âmbitos da vida feminina: se casar não era mais prioridade, a taxa de natalidade diminuía e agora a mulher assumia o comando da família tanto quanto o homem. A população economicamente ativa (PEA), entre anos de 1950 e 2010, teve um incremento de 3,6 vezes, sendo que a masculina que era de 14,6 milhões foi para 52,8 milhões, aumentando 3,6 vezes, e a PEA feminina teve um aumento muito mais significativo de 2,5 milhões para 40,7 milhões, ou seja, de 16,3 vezes.

Essa mudança no papel social da mulher retrata não somente as relações de trabalho, mas sobretudo, as relações sociais com os homens de maneira genérica. Tais transformações significaram também em mudanças no papel do homem, e o reflexo disso foi uma crise de identidade, já que a partir deste momento ele passou a ter que dividir com a mulher, espaço e funções em que antes estava completamente no comando (SILVA, 2006). Mesmo com diversas mudanças, não existe ainda igualdade salarial, embora o homem e a mulher estejam desempe-

nhando a mesma função. Observa-se, também, que o preconceito de gênero continua prevalecendo, já que a mulher ainda ocupa funções domésticas definidas culturalmente, e questões como violência contra a mulher ainda são um problema na sociedade.

Todas as culturas apresentam diferenças do que se espera do homem e da mulher, e elas têm impactos diversos em todas as fases da vida de ambos os gêneros. Ao longo da história, o ser humano foi moldado para desempenhar funções específicas atribuídas para o homem e para a mulher, embasando relações sociais e profissionais e isso se reflete em diversos setores. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) trouxe um estudo realizado pela Comissão de Estatística das Nações Unidas para analisar alguns indicadores que evidenciam como a desigualdade de gênero ainda é forte no Brasil, e auxiliar na compreensão das estatísticas de gênero. O resultado fornece um panorama das desigualdades de gênero no Brasil e, além disso, é uma importante fonte enriquecedora de debates, análises e prova de que é necessário dar atenção a fatores como esses (IBGE, 2018).

Ao começar analisando a mulher no mercado de trabalho, esbarra-se incisivamente na divergência sobre o trabalho doméstico. Em todas as regiões do país a maioria dos sujeitos que realiza esse tipo de trabalho é mulher e, assim, se submete a dupla jornada. Talvez este seja um dos maiores paradigmas da relação dos gêneros com a sociedade, já que está completamente relacionado à mulher a responsabilidade da casa e dos filhos. As atividades domésticas têm relação com a proporção do tempo que a mulher exerce em alguma outra atividade laboral. Muitas mulheres precisam dedicar grande parte do seu tempo a afazeres domésticos, pois estes ficam concentrados nelas mesmas, influenciando no seu rendimento em outro trabalho (IBGE, 2018). Notou-se que a mulher foi a mais afetada no mercado de trabalho com a pandemia. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), do IBGE, sete milhões de mulheres abandonaram o mercado de trabalho na última quinzena de março, quando começou a quarentena. São dois milhões a mais do que o número de homens na mesma situação. Enquanto as mulheres estão numa taxa de desemprego de 14% os homens estão em 12% (IBGE, 2020)

Os afazeres domésticos foram determinados como função do sexo feminino no Código Civil de 1916 e o Brasil conviveu com estes princípios patriarcais até a Constituição Federal de 1988, em que foi consagrada a igualdade entre homens e mulheres como um direito fundamental (MACIEL, 1997). O princípio da igualdade entre os gêneros foi endossado no âmbito da sociedade e da família. A partir deste momento, os direitos e os deveres referentes à sociedade conjugal deveriam ser exercidos igualmente pelos homens e pelas mulheres e, futuramente, isso foi convertido em legislação.

Outros indicadores que também mostram a desigualdade que assola o Brasil são: a taxa de frequência escolar no ensino médio em que as mulheres equivalem a um total de 73,5%, enquanto que os homens representam 63,2%; a representação política feminina na Câmara dos Deputados, que, em 2016, era de apenas 10,5%; os cargos de gerência nas empresas ocupados por homens equivaliam a 62,2%, enquanto que para as mulheres era apenas de 37,8% (IBGE, 2018). Nos anos 1970 foi possível observar uma intensificação da inserção da mulher no mercado de trabalho, em função de um cenário de expansão da economia e acelerado processo de industrialização e urbanização (NOGUEIRA, 2004). Desde então, a presença da mulher no mercado de trabalho passou a crescer a cada ano.

No transcorrer do tempo, a mulher passou a ganhar espaço e reconhecimento no mercado de trabalho brasileiro e o modelo estrutural do trabalho foi sendo alterado na mesma proporção (NOGUEIRA, 2004). Dessa forma, a estrutura familiar também começou a ser moldada, já que o papel da mulher e do homem não condiziam mais com o que era definido culturalmente até então: a mulher passou a ser também trabalhadora e geradora de renda.

Para o indicador de rendimentos médios do trabalho, entra-se em um ponto delicado e que vale ser questionado: a diferença salarial. “Mesmo com uma leve queda na desigualdade salarial entre 2012 e 2018, as mulheres ainda ganham, em média, 20,5% menos que os homens no país, de acordo com um estudo especial feito pelo IBGE para o Dia Internacional da Mulher [...]” (IBGE, 2018). Isso ocorre em função dos postos ocupados pelas mulheres que acabam não tendo as mesmas oportunidades que os homens, sendo consequência das ativi-

dades domésticas que elas exercem e, dessa forma, a produtividade e o tempo dedicado ao trabalho acaba sendo inferior ao do outro gênero. Além disso, mesmo quando homem e mulher ocupam o mesmo cargo, a diferença salarial ainda existe e a única explicação é por conta da discriminação salarial das mulheres no mercado de trabalho (PERET, 2018).

Paralelamente a isso, pode-se observar que em relação ao nível de escolaridade, a mulher está à frente do homem e, mesmo assim, elas ainda recebem salários menores. De acordo com o IBGE, 73,5% das mulheres entre 15 e 17 anos possui ensino médio completo, enquanto os homens correspondem a 63,2%. Essa diferença é maior ainda quando se fala de ensino superior completo para indivíduos de 25 a 44 anos de idade: os homens representam 15,6% que completaram a graduação e já as mulheres contemplam 21,5% (PERET, 2018).

Apesar das alterações no mercado de trabalho, as mulheres ainda têm um longo caminho a ser percorrido, pois as barreiras em função do gênero ainda estão presentes na sociedade. É indispensável que se investigue a evolução das mulheres no mercado de trabalho brasileiro com frequência, pois além de ser uma evidência de evolução social, também mostra a importância crescente da mulher para a dinâmica da economia e para a formação da renda familiar.

### **A relação da mulher com a Engenharia**

É fundamental trazer para a discussão o contexto da mulher dentro da engenharia. A resistência à inserção e integração das mulheres nas engenharias ainda persiste e é denunciada pelo ritmo lento, comparado a outras profissões. De acordo com dados estatísticos do Censo do Ensino Superior do Ministério da Educação, a parcela feminina entre matrículas de cursos de graduação de engenharia cresceu de 20,1% em 2000 para 25,5% em 2012 (LOMBARDI, 2017). Ainda em comparação com outras áreas da sociedade, as engenheiras ocuparam 17,7% dos cargos das ciências exatas, enquanto dentro da medicina, por exemplo, a mulher já ocupava 44,4% dos empregos e, no direito, 51%. Isso demonstra como as engenharias ainda têm um viés machista por trás da sua essência, fato que é comprovado também pela diferença salarial já citada anteriormente.

Na Engenharia Civil, especialmente no canteiro de obra, depara-se com um ambiente de trabalho predominantemente masculino e, conseqüentemente, machista em vários aspectos. Mesmo não sendo um comportamento padrão, existem muitas mulheres aspirantes à Engenharia que são influenciadas negativamente por conta desse fato machista que a área ainda carrega, funcionando como um desestímulo, principalmente em canteiros de obras. Muitas vezes, a mulher que escolhe se inserir nesse contexto se vê como exceção e é bastante frequente ela assumir modos de agir e de pensar com características definidas como masculinas no ambiente de trabalho e, por consequência, na forma de como conduzir as equipes. Tal comportamento se dá, muitas vezes, como forma de sobrevivência, resistência e até mesmo defesa da mulher.

Quando se fala em aspectos físicos, pela Norma Regulamentadora (NR) 17 que trata da ergonomia na Construção Civil, é possível identificar que a força de trabalho influencia na definição de quem fará um determinado trabalho no canteiro de obras. Pela norma, a mulher possui em torno de 52% da força dos homens na parte superior do corpo e 66% na parte inferior. Por conta disso, foi estabelecido, para garantir a saúde e segurança das trabalhadoras no canteiro de obras, que o peso máximo que as mulheres podem carregar é inferior ao peso máximo que compete ao homem transportar (BRASIL, 2002). Entretanto, os materiais estão cada vez mais leves e em formatos pré-moldados, o que acaba por facilitar os procedimentos de montagem e instalação, fomentando a contratação de mulheres para agir diretamente na construção. A chegada de novas máquinas e equipamentos de ponta que substituem a força bruta masculina também foram importantes, pois, tais transformações exigem muito mais conhecimento técnico, não restringindo ao esforço físico que influencia diretamente no gênero.

Com o decorrer do tempo, além da contribuição tecnológica, os movimentos feministas motivaram ainda mais as mulheres que encarreiravam na Engenharia Civil e serviu de inspiração para que elas estivessem mais dispostas a enfrentar e vencer a desigualdade, o preconceito

to e o assédio da área.

Paralelo a isso, além do desenvolvimento tecnológico que a Construção Civil está acompanhando, a sociedade brasileira também está se conscientizando sobre a importância social e econômica da inclusão da presença feminina no setor. Existem atualmente diversos projetos e parcerias do governo federal com as prefeituras que têm como objetivo diminuir, cada vez mais, a desigualdade de gênero no âmbito da Construção Civil. Toma-se como exemplo 2012, ano em que o governo federal criou um programa de extrema relevância para diminuir essas divergências: o Programa Mulheres Construindo Autonomia na Construção Civil, que teve como finalidade formar mulheres de baixa renda para a inserção nesse mercado. A ideia desse programa foi atrair, capacitar e reter a mão de obra feminina nas obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e do Programa Minha Casa Minha Vida (OLIVEIRA, 2013). Um exemplo no âmbito legislativo aconteceu no Paraná, em 2017, especificamente em Guarapuava, quando foi aprovada a Lei Nº 2649, de 10 de julho de 2017, que exige que as empresas de Construção Civil prestadoras de serviço ao município devem ter, no mínimo, 10% das vagas ocupadas por mulheres. Como incentivo, o Município de Guarapuava disponibiliza um curso profissionalizante para capacitar as mulheres que queiram trabalhar na área (GUARAPUAVA, 2019). Além disso, a Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) também é forte defensora de que cada vez se abram mais portas na Construção Civil para o gênero feminino no território brasileiro, permitindo que as mulheres possam desempenhar qualquer função que elas tiverem interesse.

### **Machismo e assédio no contexto da Construção Civil**

O machismo é definido como “um sistema de representações simbólicas, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher” (DRUMONT, 1980, p. 81).

A começar pelo machismo em si, é inevitável discutir sobre qualquer relação da mulher sem citar a relação que ela tem com o gênero masculino. Essa relação é resultado da construção social já relatada, e tem impacto sobre os mais diversos temas, em várias esferas. Dessa forma, o machismo constitui um sistema de representações-dominação que utiliza o argumento do sexo, mistificando, assim, as relações entre os homens e as mulheres, reduzindo-os a sexos hierarquizados, divididos em polo dominante e polo dominado que se confirmam mutuamente numa situação de objetos (DRUMONT, 1980, p. 83). Ou seja, é o comportamento e a expressão de opiniões de uma pessoa que não defende a igualdade de direitos e deveres entre os gêneros, favorecendo e sobrepondo o homem sobre a mulher.

Como já visto, essa ideia repercutiu ao longo de toda a história do mundo e apresenta fortes traços até os dias atuais e, sendo assim, dentro do contexto da Construção Civil e das relações de trabalho não seria diferente. Além do machismo, um termo que está sendo cada vez mais discutido é o de assédio moral e sexual.

O assédio moral sentencia a destruição emocional do outro e tais efeitos são acentuados na economia globalizada: o trabalho é cada vez mais intensificado de forma prejudicial, seguido de uma desestabilização das relações de trabalho e de uma baixa performance do trabalhador, além de todos os outros horizontes da vida da vítima (SILVA, 2005). Por apresentar todo um efeito psicológico, também impacta negativamente nas relações familiares, com amigos. Quanto ao assédio sexual, não é novidade a sua presença na sociedade brasileira. Historicamente, no período da escravidão no Brasil, o homem não era apenas dono do trabalho exercido, mas também do corpo da mulher que trabalhava para ele. Atualmente, ele é resultado da ideia de submissão que muitos homens têm em relação ao corpo da mulher, além do machismo que já dispõe da sua contribuição para tal pensamento.

Quando o assédio moral e o assédio sexual se esbarram com o gênero feminino, em função das discriminações de gênero no ambiente de trabalho, o cenário passa a ser um pouco mais crítico, pois o assédio moral e o sexual podem resultar em atitudes machistas e de misoginia por parte do agressor. Para ambientes misóginos como o próprio canteiro de obras, em sua grande maioria, tais situações podem ser mais recorrentes do que se espera, já que existe uma

maioria masculina nesse contexto, mesmo que este cenário esteja passando por mudanças em função do desenvolvimento tecnológica e da conscientização da sociedade.

## Metodologia

Devido ao caráter do tema proposto, optou-se pela pesquisa exploratória já que “Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (GIL, 2008, p. 26). Ainda, “na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem [...] entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado” (GIL, 2008, p. 26). A preocupação com a familiarização ao tema se deu, pois foi possível perceber que a relação da mulher na Engenharia Civil é pouco estudada, dado as poucas referências encontradas diretamente sobre este tema. Por se tratar de um assunto que se relaciona com atitudes, comportamentos e valores, conjunto este que denota aspectos qualitativos, como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário *online*. Tal questionário abordou questões relativas ao tema do estudo, relacionando os resultados com os dados quantitativos e históricos dissertados anteriormente. A população alvo para responder à pesquisa foi composta por homens e mulheres que exercem ou que já exerceram alguma atividade laboral em canteiros de obras. O estudo foi limitado a pessoas que trabalharam em obras de pequeno e médio porte, localizadas nas cidades de São Paulo e São José dos Campos-SP.

O questionário disponibilizado *online* tinha 14 questões, entre elas questões de múltipla escolha e dissertativas, em que a pessoa poderia ou não redigir situações, exemplificando com mais detalhes o que foi perguntado. Na elaboração das perguntas, procurou-se investigar o relacionamento interpessoal da pessoa que respondia ao questionário com seus colegas de trabalho e, com isso, entender como informações como sexo e cargo se relacionam, em termos comportamentais, com assuntos abordados ao longo do trabalho como construção social, desigualdade de gênero e assédio.

Dividiu-se o questionário em 3 partes, separando-o em categorias de perguntas. Na primeira parte procurou-se identificar aspectos do perfil do participante. Na segunda parte do questionário procurou-se estabelecer uma relação de todos os assuntos que foram apresentados na fundamentação teórica com a vivência das pessoas em canteiro de obra, a fim de gerar dados qualitativos. Na terceira parte a intenção era que a pessoa refletisse sobre possíveis episódios vividos dentro do canteiro de obras para que, por meio de relatos, fosse possível analisar os resultados com mais detalhes.

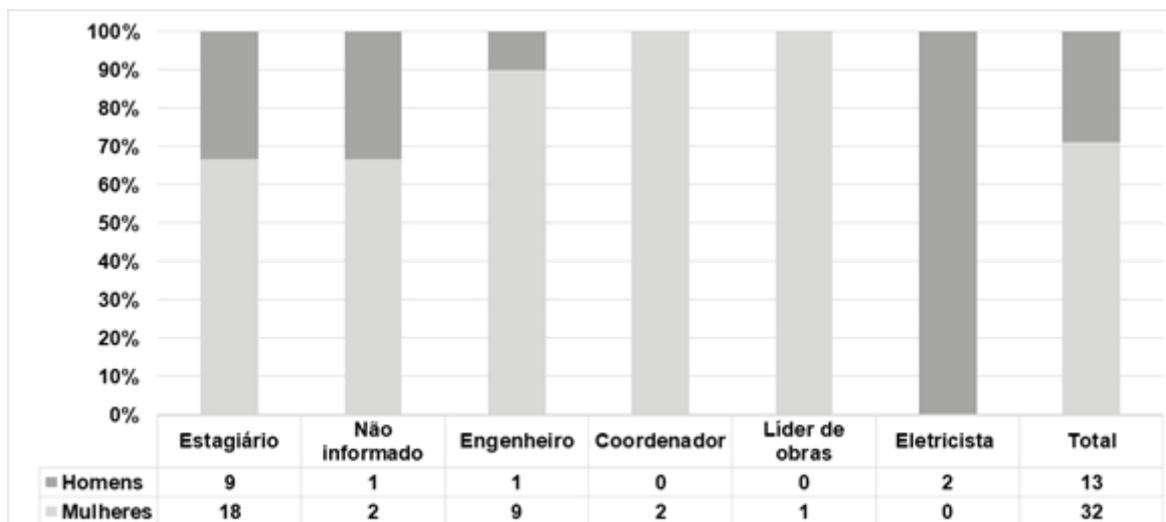
## Resultados e análises

### Perfil sociodemográfico

O questionário foi divulgado para homens e mulheres que trabalhavam ou já haviam trabalhado em canteiro de obras. No total foram obtidas 45 respostas, sendo 32 de mulheres e 13 de homens. Como já esperado, dado o objetivo do estudo e em função da divulgação ter sido maior para o público feminino, a maior parte das respostas foi de mulheres.

Para o cargo em que as pessoas desempenham no canteiro de obras, mais da metade foram respostas de estagiários, ou seja, pessoas que estão finalizando a graduação e estão cumprindo horas de estágio de Engenharia Civil. Tais resultados fazem sentido em função de dois pontos: o primeiro deles é de que a pesquisa foi divulgada principalmente dentro da universidade e, sendo assim, atingiu mais pessoas que estão estagiando. A Figura 1 faz uma relação do cargo com o sexo do respondente.

**Figura 1.** Percentual de cada função de acordo com o sexo.



**Fonte:** Os próprios autores

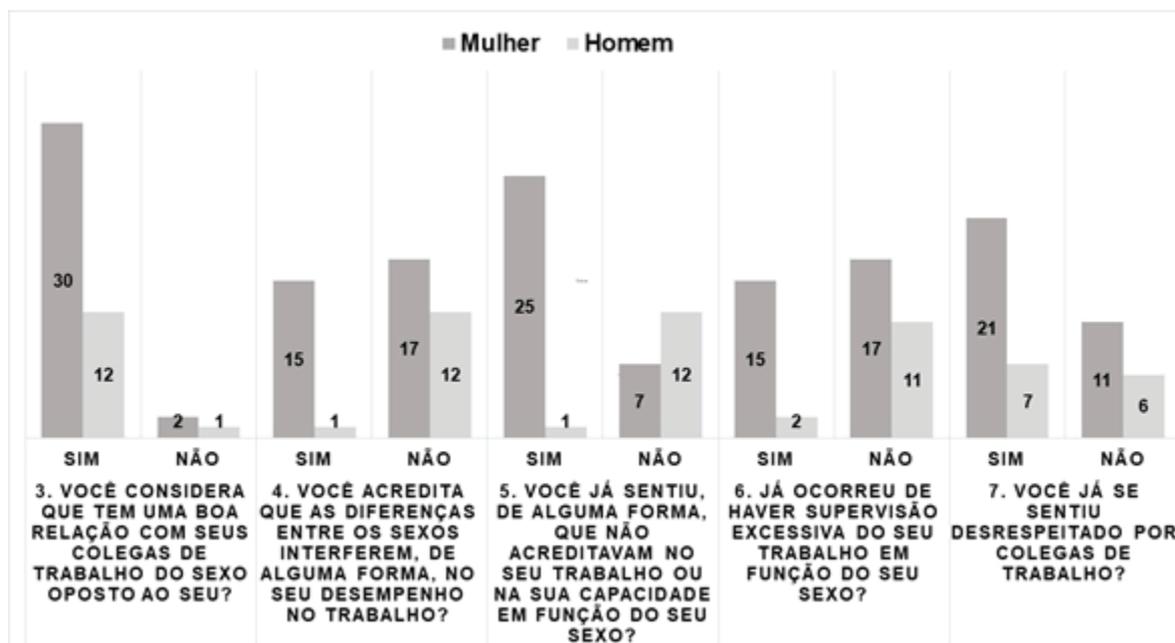
As duas únicas respostas da função de Eletricista foram de homens. Cargos específicos como esse ainda são bastante enraizados pelo contexto machista que o ambiente dispõe e, portanto, a presença da mulher nos mesmos é muito baixa. Em contra ponto a isso, a única resposta obtida para líder de obras foi de uma mulher. Esta função exige que a pessoa que for desempenhá-la tenha certa experiência na área e isso é interessante, pois é provável que se encontre um número muito maior de homens com experiência em atividades no canteiro de obras do que mulheres. Este caso derruba justamente o paradigma que existe entre canteiro de obras e o sexo feminino, e mostra que as mulheres estão mesmo cada vez mais presentes e ativas nesse ambiente de trabalho. As demais respostas foram de Engenheiros, Coordenadores e Estagiários, e ainda 3 pessoas não informaram o cargo. Para todos esses, a quantidade de respostas femininas foi maior do que masculina.

Embora o resultado apresentado seja um número pequeno, a relevância maior está no fato de que o número de mulheres no curso de Engenharia Civil está aumentando, de tal forma que atualmente o número de mulheres cursando Engenharia Civil é maior do que de mulheres que estão desempenhando alguma função no canteiro de obra. Analisando a longo prazo, haverá então, em um futuro bem próximo, um considerável aumento no número de mulheres que já estarão efetivamente trabalhando no canteiro de obras. Isto significa que as estagiárias que hoje estão apenas começando suas carreiras, futuramente poderão ser efetivadas e isso acarretará uma inclusão gradativamente maior do gênero feminino no canteiro de obra, ocasionando a mudança mais do que urgente e necessária que a área precisa. Conseqüentemente, a maior presença do público feminino gera cada vez mais inclusão, combatendo essa desigualdade, contribuindo para a desconstrução de que o canteiro de obras é um ambiente exclusivamente masculino.

### **Experiências em Canteiro de Obra**

A Figura 2 apresenta os resultados das questões 3 a 7. Percebe-se, nas questões 3, 4 e 5, que as relações interpessoais de homens e mulheres no canteiro de obras apresentam diferenças em função da construção social. Para esta análise, vale ressaltar que tais resultados refletem o fato de que no canteiro de obras existe uma grande demanda pelo esforço físico, e trabalhos que exigem força física não são feitos para que mulheres o exerçam. Por consequência, a tendência é a de sempre colocar o trabalho da mulher em dúvida.

**Figura 2.** Relação entre as perguntas 3 a 7 do questionário com o sexo.



**Fonte:** Os próprios autores

Os resultados das questões 6 e 7 mostram que a confiabilidade no desempenho do trabalho da mulher dentro da obra é pouco presente, justamente pela presença feminina ainda ser considerada incomum em tal ambiente. Colocar o trabalho da mulher em dúvida é intrínseco para a maioria dos homens que trabalham em canteiro de obras. Começa, então, a ficar mais evidente a conjuntura da desigualdade em discussão, principalmente na questão 7, já que se trata de uma condição básica para todo ser humano: o respeito. Ainda existem muitos resquícios de toda essa construção e eles aparecem diariamente na rotina da mulher no âmbito profissional e social. Alguns homens também responderam de forma afirmativa, mostrando que o relacionamento interpessoal no ambiente de trabalho ocorre não apenas por diferença de gênero, mas no contexto mais amplo, também referente à relação do homem no canteiro de obras.

As respostas das questões 8 a 13 abordaram um pouco a rotina dentro do canteiro de obras, a fim de que fossem divididas algumas experiências vividas neste ambiente de trabalho, para compreensão mais profunda do tema. Ao longo dessas respostas foram colhidos relatos significativos de desigualdade de gênero que vão desde a humilhação da mulher até assédio e ameaças, comprovando o machismo que existe nesta área da Engenharia Civil.

Foi possível observar que as divergências físicas e biológicas entre homens e mulheres são motivos de hesitação em relação ao trabalho desempenhado pelo gênero feminino, e que o ideal é que a mulher trabalhe em escritório. Entretanto, como foi mencionado, sabe-se que já existem projetos de incentivo ao trabalho físico da mulher e que isso deve ser regido pelas normas já existentes que consideram as características biológicas de cada gênero. Houve também respostas que apontaram todo o esforço que a mulher precisa fazer para que o sexo oposto acredite e dê credibilidade ao seu trabalho, e não deixe de fazer determinada função porque uma pessoa do gênero feminino que demandou, independentemente do cargo que a mulher ocupa.

Alguns relatos coletados ajudam a compreender a situação vivenciada por mulheres nos canteiros de obras.

Relato 1: “Logo quando iniciei no meu estágio, dois funcionários de empreiteiras contratadas pela minha empresa

demonstravam uma certa relutância para realizar o trabalho que eu falava para eles fazerem. Com um deles já consegui reverter essa situação, com o outro ainda estou caminhando para isso. Entendo que essa não vai ser a primeira vez que passarei por isso. Não concordo; porém, devido a cultura existente no nosso país, principalmente nesse ramo, sei que mais situações como essas virão e terei que tentar reverter essa situação”.

Além disso, apareceram relatos em que o homem culpava a mulher por problemas técnicos pelo simples fato de ela ser mulher, sem qualquer evidência, supondo que não são capazes de resolver problemas de Engenharia, sempre no sentido de depreciar sua habilidade em todos os possíveis ambientes que existem no canteiro de obras.

Relato 2: “Não foram piadas sobre o trabalho que exerço na empresa, mas que me deixaram bem irritada e incomodada. No prédio comercial que estamos reformando, os interruptores estavam quebrando muito por causa de defeito na fabricação. Mas o eletricitista ficava falando que não era possível quebrar tanto, que as mulheres estavam acendendo a luz batendo o salto no interruptor, sendo que há muitos homens trabalhando naquele prédio também [...]”.

Os relatos que demonstravam casos de assédio via celular ou mesmo pessoalmente, indicaram uma relação de invasão de privacidade por parte do homem para com a mulher e, estando em um ambiente machista, muitos deles ainda se sentem no direito de falar ou agir como quiserem com o sexo oposto, ultrapassando as barreiras profissionais e de respeito com o próximo. Isto ocorre independentemente do cargo ocupado pelo homem, já que houve casos relatando ocorrências por parte de trabalhadores da obra de cargos mais baixos e até mesmo pelo próprio dono da empresa. Também foram observados relatos em que as atitudes do assediador configuraram uma situação em que a vítima passou a ter medo de estar no mesmo ambiente do agressor, já que este a deixava completamente desconfortável e insegura.

*Relato 3: “Tenho que mandar muitas mensagens por WhatsApp para os trabalhadores. Já tive que ser bem grossa e cortar muito homem que ficava me assediando por causa da minha foto, vinha falar comigo sem ser sobre assunto de trabalho”.*

*Relato 4: “Já sofri assédio do dono da empresa e tive que pedir ao engenheiro chefe da obra para intermediar a minha negação para que eu não fosse mandada embora”.*

*Relato 5: “Eu preferia sempre sair de perto e manter um distanciamento, como evitar que eu ficasse sozinha com a pessoa que pudesse me incomodar”;*

As questões que mostram como colaboradores do canteiro de obras lidam quando estão em situações de assédio e desrespeito ou como reagem quando veem uma outra pessoa nessa situação, mostraram necessidade de certa persistência em tentar explicar para homens que questionavam seu trabalho que o fato de ser mulher não interfere no exercício de suas funções. Que estava ali por mérito e competência próprios, havendo até mesmo conflito de valores em que o homem culpa a mulher por assédios que ela sofre de outros homens. Esse

pode ser um exemplo específico de como a sociedade estruturada em conceitos machistas também atua dentro da área da Construção Civil.

Relato 6: “[...] “Bati de frente” com engenheiros formados na obra por divergências de valores, eles acreditam que as mulheres precisam “se dar ao valor” e que a culpa do assédio é nossa e não da falta de educação dos homens”.

Ainda não é inerente ao ser humano a igualdade entre os gêneros e faz-se necessário atitudes de confronto com o agressor para que a desconstrução social dê um passo à frente diariamente, já que, confrontando, acaba por deixar o outro constrangido pelas suas atitudes, como foi relatado por uma mulher. Piadas, deboche e desprezo foram relatados como bastante frequentes diante de situações de confronto da vítima com o agressor por conta de a supremacia do gênero masculino sobre o gênero feminino estar tão intrínseca na sociedade.

Relato 7: “Confrontei a atitude de desrespeito, machismo e rebaixamento das mulheres no ato em que a mesma aconteceu e o sujeito tratou como piada, disfarçando o machismo e o tornando sinônimo de piada e riso”.

Além disso, houve também uma resposta bastante peculiar de um indivíduo (sexo masculino) que debochava do tema. Vale ressaltar que a pessoa que deixou esse tipo de resposta, também incluiu comentários com palavras de baixo calão em grande parte das outras respostas dissertativas. Isso mostra como existem pessoas que, além de tratar o assunto com desdém, ainda acreditam na ideia tão ultrapassada e desumana que é o machismo. Esta pessoa é uma representação clara de como toda a sociedade foi constituída ao longo do tempo, com a supremacia do homem, e de como a luta feminista é providencial diariamente, pois somente com ela será possível acabar com ideias como essas.

## Conclusão

Partindo do objetivo de estudar e compreender o relacionamento interpessoal da mulher em canteiros de obras, tendo como base todo o histórico do papel feminino no mercado de trabalho e na sociedade com a Engenharia Civil, obteve-se respostas do questionário *online* e, a partir disso, pôde-se inferir algumas conclusões. Dada a representação amostral, as respostas obtidas dão um indicativo de que estudos mais avançados são necessários para compreender o tema integralmente. Entretanto, algumas conclusões pontuais podem ser apontadas. Por ser um tema que necessitaria de muitas respostas de mulheres para refletir com mais acuidade a realidade, obteve-se a maior parte das respostas justamente delas. Além disso, entre as funções possíveis de serem ocupadas por elas no setor, a maior parte das respostas foi de estagiários. Ambas reforçam um ponto comentado na fundamentação teórica: atualmente o número de mulheres engenheiras civis é menor do que o número de estudantes de Engenharia Civil. Assim, a longo prazo, a quantidade de engenheiras civis aumentará, caminhando a favor da igualdade, além de todas as iniciativas existentes a fim de que as mulheres ocupem cada vez mais espaço na Construção Civil.

Com os resultados deste estudo foi possível observar diferenças consideráveis entre a relação da mulher e do homem no canteiro de obras, no sentido de degradação do gênero feminino. Grande parte das respostas foram exemplos de situações machistas por parte dos homens que trabalham no canteiro de obras. Na maior parte dos relatos foram identificados momentos em que a vítima demonstrava além de muito desconforto, também medo do agressor em função de assédios.

Embora ainda seja necessário que a sociedade evolua no aspecto igualdade entre ho-

mens e mulheres, os impactos que a presença feminina causa na Construção Civil mostra que essa evolução já deu seus primeiros passos. As mulheres não estão desistentes, mas sim lutando para que elas exerçam suas funções assim como o homem.

A partir dos conteúdos desenvolvidos neste trabalho, observou-se que no âmbito da Construção Civil associado à construção social, existem ainda diversas linhas de pesquisa sobre temas parecidos e pouco explorados dentro dos direitos humanos. É possível aplicar pesquisas de caráter exploratório, avaliando também os direitos humanos em relação à causa LGBTQIA+ e a negros que desempenham alguma função dentro do canteiro de obras. Relacionar a mulher com outras áreas da Engenharia Civil, com a finalidade de questionar os padrões que foram impostos socialmente, é outro tema importante, já que faz com que o leitor se questione e exerça a empatia para todas essas causas, pois só assim a sociedade caminhará para um mundo mais justo e humano.

### Agradecimentos

Os Autores agradecem ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e à Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG pela concessão das bolsas.

### Referências

ADRIÃO, K. G.; TONELI, M. J. F.; MALUF, S. W. O movimento feminista brasileiro na virada do século xx: reflexões sobre sujeitos políticos na interface com as noções de democracia e autonomia. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n.3, p. 661–681, 2011.

AZZE, M. A. N.; PEREIRA, L. M. Direito à identidade de gênero e possível retificação de registro em prol da cidadania da população transgênero. **Interação (Varginha)**, v. 16, n. 16, p. 24 - 42, 15 fev. 2014.

BAKHTIN, M. M. **Speech Genres and Other Late Essays**. Texas - Estados Unidos: University of Texas Press, 1986.

BRASIL. **Manual de aplicação da Norma Regulamentadora 17**. 2ª. Edição, Brasília: MTE, 2002.

CABRAL, C. G.; BAZZO, W. A. As mulheres nas escolas de engenharia brasileiras: história, educação e futuro. **Revista de Ensino de Engenharia**, v. 24, n. 1, 2008.

CAROLINO, L. M. Manoel Ferreira de Araújo Guimarães, a Academia Real Militar do Rio de Janeiro e a definição de um gênero científico no Brasil em inícios do século XIX. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol.32 no.64, p. 251-278, Dec. 2012.

CRUZ, M. H. S. Novas tecnologias e impacto sobre a mulher. In: A. A. A. Costa; Sardenberg, C. M. B. **Feminismo, ciência e tecnologia**. Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, Coleções Bahianas 8, p. 121–139, 2002.

DE LUCA, M. A. S.; ROMANEL, F. B.; SANCHES, G. H. M.; GONÇALVES, H. S.; PEREIRA, V. A. G.; MOISES, I. C.; OLIVEIRA, J. M. B. A Engenharia no contexto Social: Evolução e Desenvolvimento. **Gestão, Tecnologia e Inovação**, Curitiba. vol. 2, n. 1, p. 1-11, jan/abril 2018.

DRUMONT, M. P. Elementos para uma análise do machismo. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, vol 3, p. 81-85, 1980.

GIDDENS, A. **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed., São Paulo: Atlas SA, 2008.

GUARAPUAVA. Prefeitura de Guarapuava. Cresce número de mulheres atuando na construção civil na região de Guarapuava. Notícias, 06 de março de 2019. Disponível em: <https://www.guarapuava.pr.gov.br/noticias/cresce-numero-de-mulheres-atuando-na-construcao-civil-na-regiao-de-guarapuava/>. Acesso em: 29 jul. 2020.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Estatísticas Sociais. Disponível em: <https://ces.ibge.gov.br/base-de-dados/links-base-de-dados.html>. Acesso em: 15 nov. 2020.

LEE, K. H.; ZENOBIA, K. **Civil Engineer's Handbook of Professional Practice**. Estados Unidos: John Wiley Sons, 2011.

LOMBARDI, M. R. Engenheiras na construção civil: a feminização possível e a discriminação de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 163, p. 122–146, 2017.

MACIEL, E. C. B. A. **A igualdade entre sexos na constituição de 1988**. Brasília: Senado Federal, Consultoria Legislativa, 1997. 11 p.

MARINHO, P. E. M. M. Companhia Estrada de Ferro D. Pedro II: a grande escola prática da nascente Engenharia Civil no Brasil oitocentista. **Topoi (Rio de Janeiro)**, v. 16, n. 30, p. 203–233, 2015.

MOURA, G. R.; SOARES JUNIOR, W. S. Transformações e Tendências na História da Engenharia Civil: do Trabalho Manual à Sustentabilidade. In: VIII EPCC - Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar, 2013, Maringá - PR. Encontro de Produção Científica, 2013. Disponível em: [http://www.cesumar.br/prppge/pesquisa/epcc2013/oit\\_mostra/Guilherme\\_Ribeiro\\_de\\_Moura\\_02.pdf](http://www.cesumar.br/prppge/pesquisa/epcc2013/oit_mostra/Guilherme_Ribeiro_de_Moura_02.pdf). Acesso em: 20 jul. 2020.

NOGUEIRA, C. M. **A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização**. 1 ed., Campinas-SP: Autores Associados, 2004.

OLIVEIRA, A. A mulher no direito internacional. **Revista de informação legislativa**, Brasília, v. 27, n. 106, p. 231-242, 1990.

OLIVEIRA, T. S. O programa mulheres construindo autonomia na construção civil no balanço entre a agenda de gênero e a agenda neoliberal. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis-SC, set. 2013. Disponível em: [http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373323948\\_ARQUIVO\\_OLIVEIRA\\_Fazendogenero.pdf](http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373323948_ARQUIVO_OLIVEIRA_Fazendogenero.pdf). Acesso em: 20 jul. 2020.

PERET, E. Mulher estuda mais, trabalha mais e ganha menos do que o homem. Agência IBGE de notícias, 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20234-mulher-estuda-mais-trabalha-mais-e-ganha-menos-do-que-o-homem>. Acesso em: 20 jul. 2020.

DEL PRIORE, M (org.); BASSANEZI, C. (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 7 ed. São Paulo: Contexto/Ed. Unesp, 2004. 571 p.

SILVA, J. L. de O. **Assédio moral no ambiente de trabalho**. Rio de Janeiro: Jurídica, 2005.

SILVA, S. G. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 26, n. 1, p. 118–131, 2006.

SOARES, S.; IZAKI, R. S. A participação feminina no mercado de trabalho. Instituto de Pesquisa

Econômica Aplicada (Ipea), 2002. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_0923.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0923.pdf). Acesso em: 22 jul. 2020.

TEIXEIRA, L. P.; CARVALHO, F. M. A. A construção civil como instrumento do desenvolvimento da economia brasileira. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, n. 109, p. 9–26, 2005.

TOMASI, A. P. N. A modernização da construção civil e os impactos sobre a formação do engenheiro no contexto atual de mudanças. **Educação & Tecnologia**, v. 10, n. 2, p. 39-45, jul/dez. 2005.

Recebido em 30 de julho de 2020.

Aceito em 09 de outubro de 2020.